

CADERNO

CONSTRUINDO CAMINHOS



FICHA CATALOGRÁFICA

ORGANIZADOR



Equipe CIT

Fundação Renova

Flávio Chantre – Diretor
Ana Carolina Maciel - Gerente
Iara Morena – Coordenadora
Maria Thereza Teixeira - Coordenadora
Carlos Oliveira – Especialista
João Freitas – Especialista
Isabella Cunha – Analista
Simone Meira – Analista

Equipe CIT

H&P

Guilherme Silveira – Diretor
Marina Lanza – Coordenadora Diálogo/CIA/CIT
Cléber Becho – Liderança
Sandra Lúcia de Paula – Coordenadora PG35
Rafael Santos – Consultor
Amanda Guariento – Consultora
Sílvia Marques – Analista CIT Mariana
Bruna Santos – Analista CIT Linhares
Mônica Carmo – Analista CIT GV
Eduardo Cunha – Mobilizador
Zande Sá – Mobilizador
Ana Terra Castro – Mobilizador
Guilherme Portes - Mobilizador

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

H&P

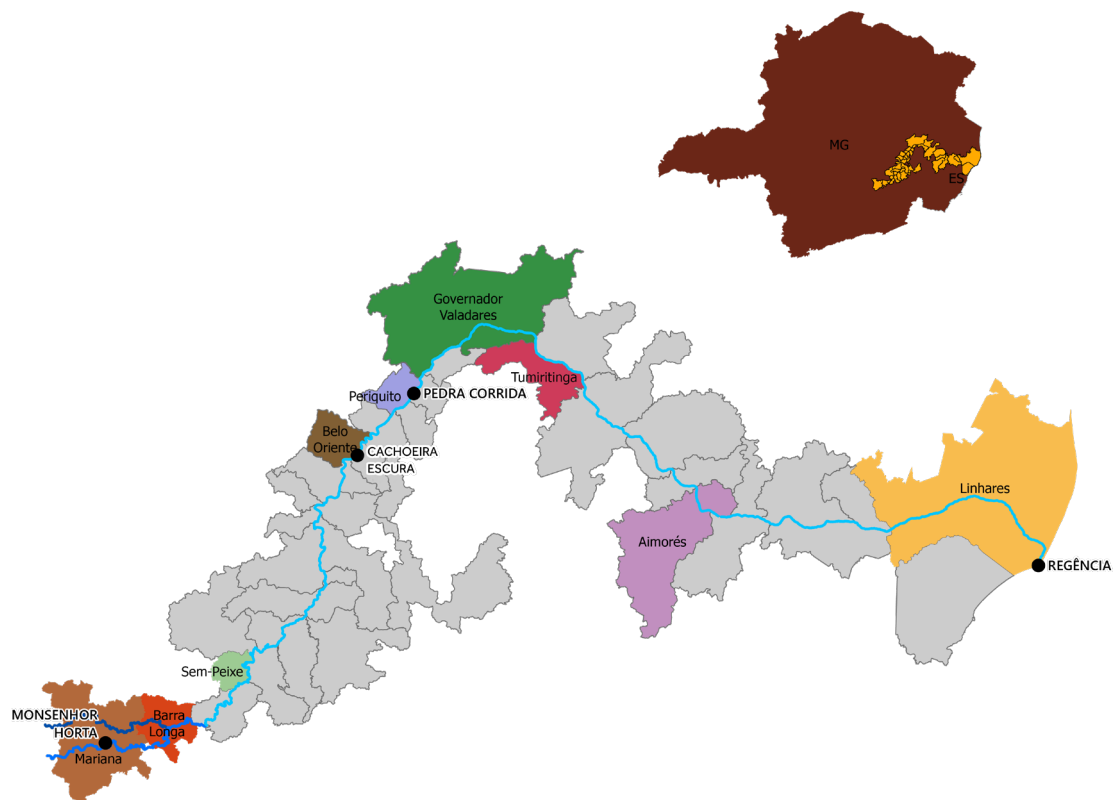
TRILHAS DE MEMÓRIAS

2º E 3º CICLOS

As oficinas Trilhas de Memórias são ações do Centro de Informação Técnica (CIT) realizadas com moradores das localidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, com o objetivo de convidá-los a construir, coletivamente, o acervo do CIT, sobretudo naquilo que se refere às memórias culturais e afetivas, e ao mesmo tempo, para acessar os conteúdos disponibilizados na plataforma interativa.

Seus resultados estão disponíveis no site www.citdoriodoce.org, inseridos na coleção Registros do Território Atingido, que tem como intuito promover o acesso e a participação das comunidades envolvidas na valorização e reconstrução de memórias e informações sobre os seus territórios.

As oficinas constituem-se como espaço de sensibilização para a construção de novas narrativas pessoais e coletivas, em diferentes linguagens de mídias e artísticas. A ideia é estimular a produção de registros e possibilitar que todos possam ter acesso às memórias pessoais e coletivas vivenciadas em suas localidades.



MONSENHOR HORTA, MARIANA	BARRA LONGA	SEM PEIXE	CACHOEIRA ESCURA, BELO ORIENTE
PEDRA CORRIDA, PERIQUITO	GOVERNADOR VALADARES	TUMIRITINGA	AIMORÉS
			REGÊNCIA, LINHARES

O Caderno Compartilhando Saberes pretende apresentar, de forma sucinta, as experiências vividas durante o segundo e terceiro ciclos do projeto Trilhas de Memórias, transcorridos ao longo do ano de 2023, em municípios de Minas Gerais e Espírito Santo.

Por se tratar de uma tecnologia de intervenção social, o compartilhamento da metodologia educativa e dos resultados alcançados pretende estimular múltiplas fontes de inspiração, apropriações artísticas e modos de fazer e pensar. O público-alvo alcança tanto o corpo escolar, quanto agentes culturais e lideranças comunitárias em seus futuros projetos. O conteúdo oferece insumos para permear as práticas da educação formal e não formal, voltadas para as comunidades em suas amplas manifestações coletivas, abraçando toda diversidade cultural.

PLANEJAMENTO E ESTRATÉGIAS DE MOBILIZAÇÃO

Tendo como pano de fundo uma metodologia capaz de se adaptar a diversos contextos sociais e especificidades locais, o processo de planejamento das oficinas se deu pela interação da equipe do Programa de Informações a População (PG35), com a condução das analistas responsáveis pelas ações do CIT em cada região, e as equipes do Programa de Comunicação, Participação, Diálogo e Controle Social (PG06) que atuam nos municípios. As equipes vivenciam cotidianamente os territórios atingidos e, durante o relacionamento com a população, se apropriam de insumos sobre a organização social local, os públicos e a relação entre eles, assim como seus interesses individuais e coletivos.

A partir dessa interação e leitura do território foi possível definir (1) as localidades de atuação, (2) o público-alvo, (3) as datas com melhor ambiência e as melhores (4) estratégias de mobilização

1.

O Termo de Ajustamento de Conduta (TTAC) definiu a existência de 40 municípios atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão. A cada ciclo, o projeto Trilhas de Memórias busca diversificar o local de atuação para contemplar a participação de todas as localidades atingidas e garantir a presença de suas narrativas no acervo do CIT. No segundo ciclo do projeto foram realizadas oficinas e mostras em 4 municípios, já no terceiro ciclo outros 5 municípios foram atendidos.

2.

O público-alvo da mobilização se diversificou em cada oficina/localidade. Em algumas, os esforços de divulgação foram direcionados aos grupos juvenis e escolares. Em outras, a divulgação se deu de forma ampla sem a restrição de faixa etária demonstrando o potencial de adaptação da metodologia

3.

A definição do cronograma de realização das oficinas e mostras foi feita observando o calendário festivo local e a programação das ações da Fundação Renova. Permitindo, assim, uma maior aderência de público pela não sobreposição de atividades.

4.

Foram construídas estratégias de mobilização sob a perspectiva de uma comunicação dirigida e relacional, que ultrapassasse o caráter instrumental e informativo. Para tanto:

- (a) Houve a identificação de grupos comunitários e moradores com potencial interesse em participar das ações.
- (b) Foi estabelecido contato com as lideranças comunitárias e referências locais para que pudessem atuar como multiplicadores do convite
- (c) Houve a distribuição de peças de divulgação em meios digitais, como pelo aplicativo WhatsApp
- (d) Houve afixação de cartazes informativos nos principais estabelecimentos locais.
- (e) Realização de convite porta a porta e por meio do método “snowball” ou “bola de neve”, que consiste na divulgação de um convite através de uma cadeia de referências (uma pessoa é convidada e indica uma outra pessoa para receber o convite, e assim sucessivamente).



METODOLOGIA

A metodologia da oficina foi desenvolvida e aplicada considerando a interconectividade entre escrita, oralidade, técnicas artísticas de produção (das artes visuais) com os conceitos de memória, patrimônio e a percepção de reciprocidade entre sujeitos (coletivo e individual) - território.

Essa conjugação de práticas e reflexões, constituída por procedimentos que fomentam o exercício autônomo da criatividade e do imaginário social por meio da imagem e de outras linguagens, habitualmente, verificados na arteeducação e na educação popular, tornou-se uma tecnologia educativa geradora de novas imagens e aglutinadora de memórias.

Os saberes e fazeres culturais dos participantes são fundamentais no processo de construção de conhecimento a partir das experiências vividas nos territórios. Neste método educativo, abre-se um espaço para a reflexão sobre a constituição e reafirmação de identidades como manifestação da cidadania, por meio das memórias acessadas e pelo modo como as registramos.

Os lugares experienciados pelos participantes, que podemos chamar de espaços de vivências, onde os processos de sociabilidade ocorrem, são de extrema importância para a metodologia e, conseqüentemente, para as dinâmicas que impulsionam as oficinas.

A metodologia está atenta aos preciosos sinais, incessantemente, manifestados pelo território. Possui uma trama sensível para captar e incorporar ao seu conjunto de estratégias previamente elaboradas, elementos de origem material ou imaterial presentes na paisagem, desde: objetos descartados de origem industrial a exemplares botânicos, pedras, sons, chuvas, luzes, sombras etc.

A intencionalidade das proposições educativas é nutrida pelo encontro dos diversos materiais de origem industrial (tintas, papeis, pinceis) convencionalmente utilizados nas práticas artísticas de ateliê com os materiais "cedidos" pelo próprio território. É uma forma de propor um atraente desafio técnico para a criatividade, com materiais recém-descobertos e outros extraídos do cotidiano e facilmente identificados.

CONCEITOS – AÇÕES:

práticas que movem a metodologia **2º CICLO**

DINÂMICA DA TEIA

No momento inicial de acolhimento e apresentação da turma, foi proposta uma dinâmica participativa para a criação de vínculos entre os integrantes do grupo e a equipe técnica. Formou-se então uma roda, de modo que cada participante pudesse revisitar a infância ao se apresentar, contando seus nomes, apelidos e uma breve história acerca do tema, segurando a ponta de um rolo de barbante.

Em seguida, cada pessoa lançava o rolo, aleatoriamente, para outra pessoa da roda e assim por diante, até contemplar todos os participantes, formando uma grande rede. Com a conexão estabelecida foi possível trabalhar valores (união, cooperação e interdependência) e sentimentos (confiança, respeito e empatia) despertados durante a atividade, reafirmando a noção de coletividade. Após as reflexões, o grupo retornou o barbante um a um, até chegar à primeira pessoa e finalizar a dinâmica.

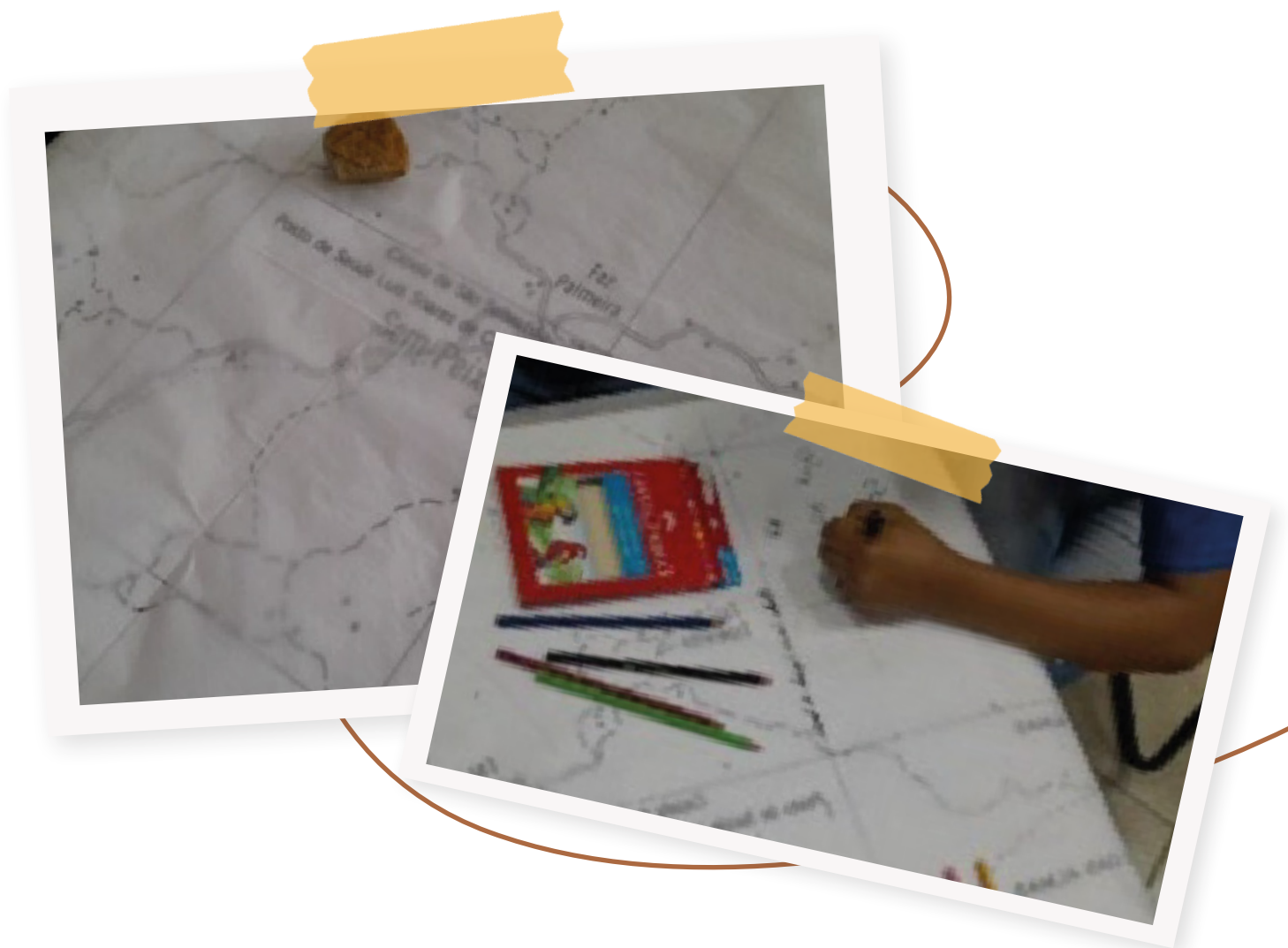


CARTOGRAFIA AFETIVA

Com o intuito de evidenciar os vínculos dos participantes com o território pela perspectiva dos afetos, foram apresentados aos grupos mapas impressos de suas respectivas localidades (extraídos do site do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Sobre os mapas oficiais foram dispostas folhas de papel vegetal para construírem de forma coletiva a cartografia afetiva. A proposta teve o diálogo como base para acessar memórias e desejos em busca da identificação e sinalização de locais significativos para cada participante, que constituíram outros mapas a partir da escrita, desenhos e traçados. Foi um exercício de livre associação a partir da noção de cartografia sentimental, proposta pela filósofa e psicanalista paulistana Suelly Rolnik.

O exercício buscou situar os espaços e edificações do território que foi cartografado pela dimensão afetiva de cada participante, uma vez que os espaços físicos e recortes geográficos foram renomeados ou ressignificados pela experiência relacional, social e subjetiva dos participantes.



ESCRITA DE ROLO

A base do exercício constitui-se no desafio de desenvolver uma escrita dinâmica e fluída a partir de palavras propulsoras, extraídas do processo de construção da cartografia afetiva.

A proposição remeteu à prática das escritas dadaístas cunhadas pelo poeta romeno-francês Tristan Tzara, um dos expoentes do dadaísmo e surrealismo. Assim, quem escreve deve se orientar pelo fluxo de pensamentos derivados da palavra-propulsão, de maneira livre e ininterrupta durante um tempo pré-determinado. Foram considerados 15 minutos para a escrita sem julgamento, revisão ou edição do texto no momento de criação.

Como ferramenta lúdica e estética, foram utilizados rolos (em formato de papiro) de papel manteiga como suporte para a escrita de cada participante. Palavras extraídas das cartografias recém-elaboradas, escolhidas de forma aleatória, serviram como disparadoras para a prática das escritas de rolo. Eram ditas em voz alta pelos facilitadores, sem anúncio prévio e deveriam ser incorporadas aos textos, no exato momento do pronunciamento. O ato se replicava com novas palavras, ditas em espaçamentos esporádicos de tempo ao longo da atividade.



"ESCREVIVÊNCIAS"

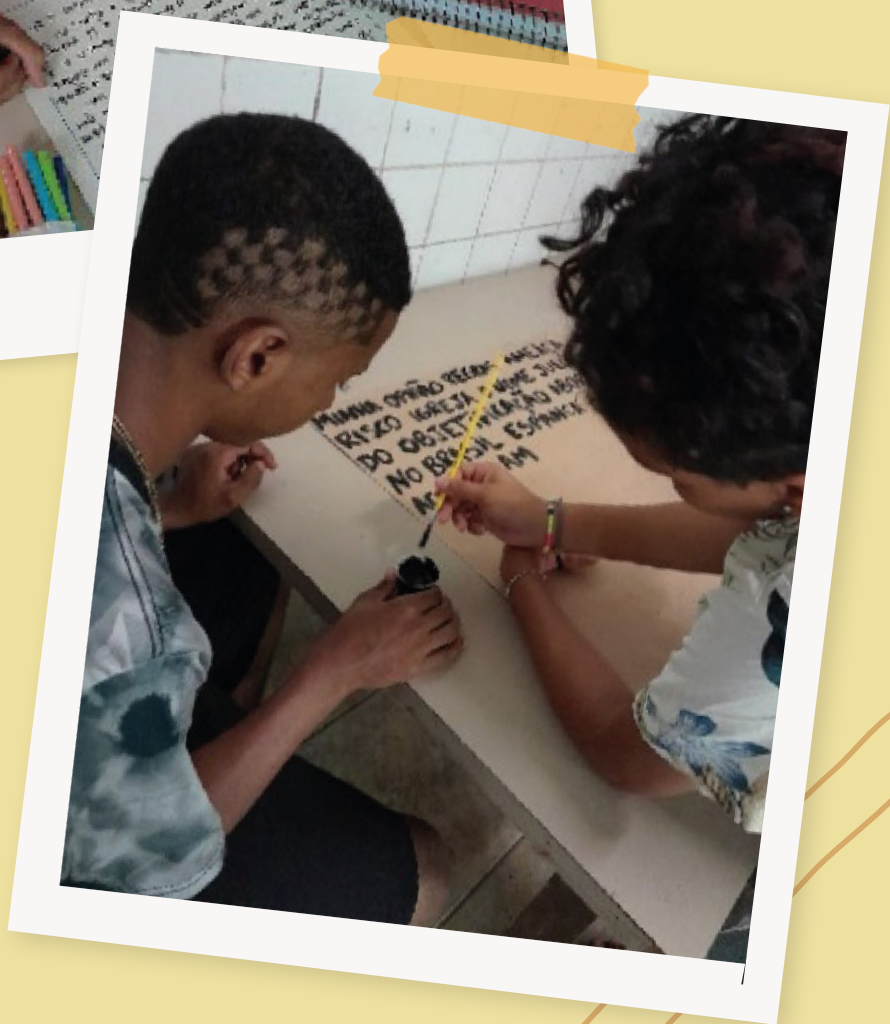
Esta construção se deu como desdobramento dos exercícios da cartografia afetiva e da escrita de rolo, assumindo a orientação para uma cartografia de si mesmo, centrada no sujeito narrador e protagonista, capaz de tecer estórias e auto ficcionar-se.

Criado por **Conceição Evaristo**, o termo "Escrevivências" traz a junção das palavras "escrever e vivência" e aponta para uma dupla dimensão: **é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta.**

O ponto de partida para o exercício foi a frase: a memória (do lugar) deságua em minha história. Utilizando a frase motivadora e o inventário de palavras, o objetivo principal foi a produção de narrativas, deslocando os autores como observadores dos próprios percursos e histórias de vida.

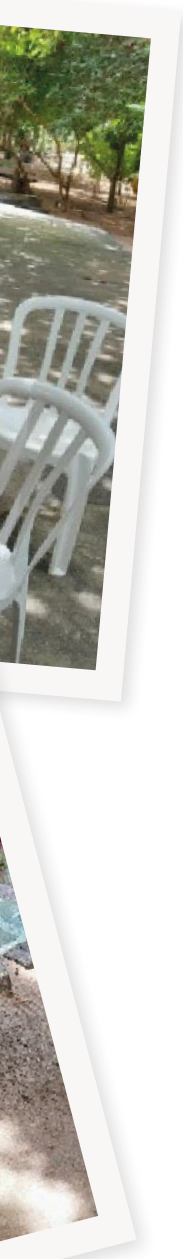
As atividades foram orientadas por três pilares: pela prática textual; pela qualificação da escrita (escrever - inscrevendo-se) a partir do conceito de "Escrevivências" e pela inclusão, ao oferecer técnicas mistas de produção criativa com materiais artísticos, não se limitando ao domínio do ato de escrever.

Cada participante foi estimulado ao protagonismo por meio da partilha de referências que exemplificaram a aplicação dos conceitos apresentados. Também foram orientados para que a escrita naquele momento fosse praticada como linguagem pessoal autônoma, desvinculada de avaliações gramaticais ou ortográficas da norma culta.



CATÁLOGO DE IMAGENS

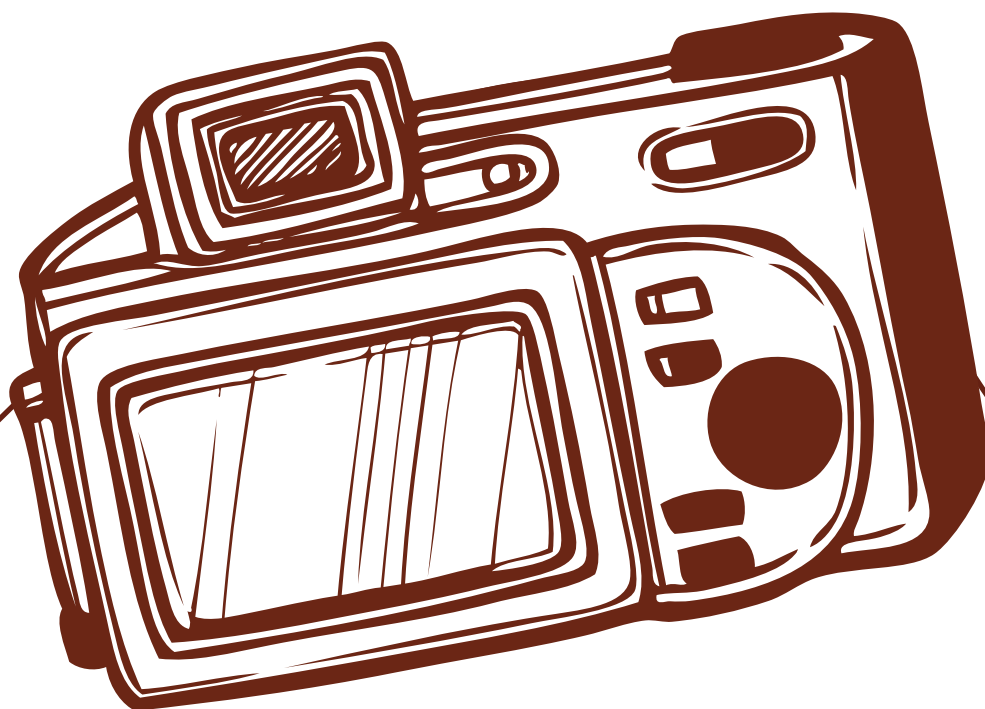




Esta ação foi desenvolvida, especialmente, com os participantes da oficina que ocorreu no distrito de Regência, em Linhares (ES).

Um conjunto de 80 fotografias impressas em papel fotográfico no tamanho 15 x 21 cm, parte do acervo da biblioteca comunitária de Regência, pertencente ao Centro TAMAR/ICMBio, foi disponibilizado aos participantes para criarem legendas a partir da identificação dos elementos e das pessoas presentes nas fotos. As imagens evidenciavam cenas cotidianas, fauna, flora, ritos, festejos, lazer, atividades educativas, culturais e econômicas da comunidade e região, ao longo do século XX e primeiros anos do século XXI.

O exercício de catalogação das fotografias consistiu, tanto na elaboração de legendas para as imagens, quanto conduziu ao ato de navegar pelas memórias e histórias internalizadas nas fotos, a partir de aspectos estéticos e de recordações afetivas despertadas ao longo da prática. A catalogação seguiu um padrão de organização simples e efetivo: título, temporalidade e contexto.



OFICINAS

A memória do território deságua em minha história

Ao longo das oficinas os conceitos-ações, módulos de práticas descritos anteriormente, se conectam e impulsionam a dinâmica das proposições, dentro da programação dos encontros. É o momento de colocar em prática as premissas que regem a metodologia, promovendo a construção coletiva de um espaço e situações, que estimulem a sociabilidade, o diálogo, a troca de experiências, descobertas e criações.

Ao elaborar os conceitos-ações (Dinâmica da teia, Cartografia afetiva, Escrita de rolo, "Escrevivências" e Catálogo de imagens) como módulos de práticas para as oficinas, ergue-se o desafio de arranjá-los em uma composição, fluída e harmônica, pertinente com o tempo disponível para os encontros em cada município.

A possibilidade de multiplicar e rearranjar os módulos de práticas, de trocar suas posições ou aplicar apenas um deles em decorrência da disponibilidade de tempo de cada comunidade ou no atendimento de demandas prévias da equipe local (Diálogo), demonstrou uma significativa característica da metodologia para as oficinas: a flexibilidade

OFICINA EM MONSENHOR HORTA (MG)

Carga horária total: 06 horas

• **1º dia** – 23/01/2023

Carga horária: 03 horas

Módulos de práticas: Dinâmica da teia;
Cartografia afetiva; Escrita de rolo

• **2º dia** – 25/01/2023

Carga horária; 03 horas

Módulo de prática: "Escrevivência"

OFICINA EM SEM PEIXE (MG)

Carga horária total: 06 horas

• **1º dia** – 06/02/2023

Carga horária: 03 horas

Módulos de práticas: Dinâmica da teia;
Cartografia afetiva; Escrita de rolo

• **2º dia** – 07/02/2023

Carga horária; 03 horas

Módulo de prática: "Escrevivência"

OFICINA EM BARRA LONGA (MG)

Carga horária total: 03 horas

• **Dia único** – 09/03/2023

Carga horária: 03 horas

Módulos de práticas: Dinâmica da teia;
Cartografia afetiva; "Escrevivências"

OFICINA EM REGÊNCIA AUGUSTA, LINHARES (ES)

Carga horária total: 06 horas

• **Dia único** – 11/03/2023

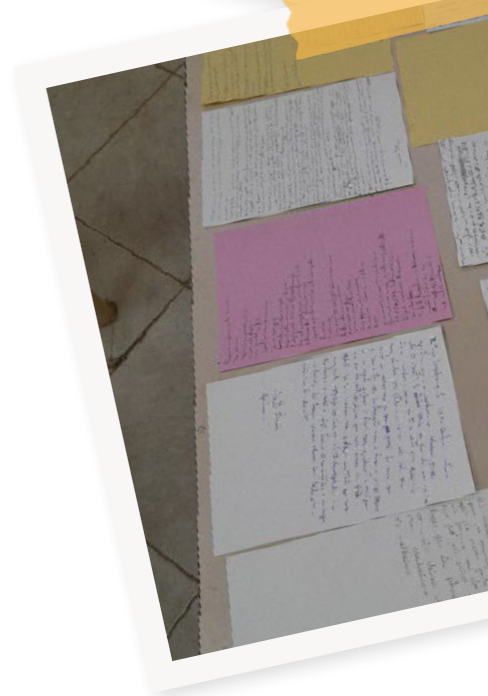
Carga horária: 03 horas - Parte da manhã e
03 horas - Parte da tarde

Módulos de práticas: Dinâmica da teia;
"Escrevivências" e Catálogo de imagens

TÉCNICAS, MATERIAIS E MATERIALIDADES

Pelo ponto de vista técnico, as oficinas assumem o compromisso de oferecer, de forma introdutória, múltiplos procedimentos artísticos aos participantes.

Por meio de uma didática que se constituiu pelo dialogismo, pelo estímulo à reflexão sobre os temas propostos (memória e a relação do indivíduo com o território vivido) e pelo incentivo à **liberdade de experimentação**, noções de desenho, pintura, técnicas mistas, colagens, instalação e escultura foram compartilhadas com as pessoas que participaram das oficinas, considerando a diversidade etária representada nos grupos.





Como disparadores para estímulos de aplicação e uso nos processos criativos, alargando as possibilidades de experimentação, uma vasta gama de materiais foi disponibilizada nas oficinas.

Papeis de diversas cores e gramaturas, tecidos, arames, tintas guache e acrílica, lápis de cor e grafite, giz de cera, mapas impressos e revistas somavam-se a um contingente de inesperados materiais coletados nas proximidades dos locais de realização dos encontros, de forma prévia ou até mesmo durante as oficinas.

A presença dos diferentes materiais e as múltiplas linguagens artísticas empregadas nos processos criativos, individuais ou coletivos, contribuíram para uma rica e diversa materialidade evidenciada no conjunto dos trabalhos finais. Consequentemente, desse modo, testemunham de forma internalizada a dedicação e a entrega dos participantes, ao longo do processo, em suas variadas formas de pensar, planejar e executar seus próprios trabalhos.

CONCEITOS – AÇÕES:

práticas que movem a metodologia **3º CICLO**

RODADA DE APRESENTAÇÕES OBJETO DE FALA

Momento significativo para a criação de vínculos entre a dupla de facilitadores e o grupo de participantes, a rodada de apresentações revela interesses, temperamentos e temperaturas, sinais preciosos para o início dos trabalhos que virão.

Um aspecto que marca as dinâmicas de apresentações dos participantes das oficinas do Trilhas de Memórias, é ser uma ação propositiva em consonância com a temática central ou adjacências. Neste terceiro ciclo, optamos pela estratégia do objeto de fala.

Um objeto selecionado previamente é entregue a uma participante, ela por sua vez se apresenta dizendo o nome e o que representa um patrimônio local (material ou imaterial) para ela, em seguida e assim por diante, ela entrega o objeto ao próximo participante conferindo sequência à dinâmica.



Patrimônio inventado

Inventar patrimônios, é antes de tudo, navegar pelos ambientes das memórias individuais e coletivas. É um gesto de reconexão, por meio dos afetos, com experiências de sociabilidade, trocas culturais, ritos de tradições ancestrais e as estéticas que compõem o cotidiano.

No 3º Ciclo do Trilhas de Memórias, os participantes foram estimulados a refletirem sobre a constituição de seus próprios patrimônios, materiais e imateriais. O exercício de inventariação autônoma dos patrimônios locais, transcorreu de forma dialogada em grupos de trabalho definidos pelos participantes.

Consideramos esta etapa altamente significativa, por ser um estudo prévio da proposição central e geração de subsídios materiais (concretos) e conceituais que serão levados para a etapa seguinte, o momento de construção dos trabalhos proposto pela oficina.

Assemblagem/colagem e objetos 3D



OFICINAS

A nossa história a gente inventa!

O conceito de Patrimônio Cultural definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é composto pelos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, pelas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades e os grupos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

A partir disso, os participantes das oficinas foram estimulados a refletirem sobre a importância da preservação dos bens culturais, com a identificação e a distinção dos tipos de patrimônio em seus territórios. Por meio da investigação dialogada do cotidiano e suas práticas, foram conduzidos ao exercício coletivo de patrimonialização autônoma dos bens passíveis de reconhecimento pelos grupos formadores de referências à identidade, à ação e à memória da sociedade brasileira.

O procedimento artístico compartilhado nas oficinas como técnica de produção foi a colagem, que consiste na acumulação e reorganização de imagens e objetos estabelecendo uma nova relação entre eles. A principal fonte de inspiração foi a prática artística da assemblagem: um trabalho no qual o artista une objetos, por colagem ou encaixe, expressando o seu imaginário, onde os objetos que fazem parte das obras permanecem em seu estado original, mas quando reunidos, possuem novos sentidos. Outro estímulo à criatividade dos participantes foi a proposta para criação e edificação de obras tridimensionais, que representassem os patrimônios que cada grupo gostaria de salvaguardar para suas comunidades, como forma de valorização do passado e perpetuação das histórias e memórias afetivas até as futuras gerações. Os processos artísticos foram enriquecidos com registros em áudio, contendo breves narrativas dos autores e autoras, a fim de complementar os trabalhos visuais desenvolvidos.

OFICINAS EM

Pedra Corrida (15/08), Cachoeira Escura (17/08), Tumiritinga (21/08),
Aimorés (23/08) e Governador Valadares (26/08) - MG.

• Agosto/2023

Carga horária em cada território: 04 horas

Módulos de práticas: Assemblagem/colagem e objetos 3D



MENTORIA

Nos dias seguintes às oficinas realizadas no 2º ciclo as duplas de facilitadores estiveram disponíveis em local e horário definidos diretamente com os/as participantes das mentorias.

O propósito é fomentar e orientar os processos criativos para o início da elaboração da mostra coletiva, momento de culminância das jornadas formativas propostas nas oficinas.

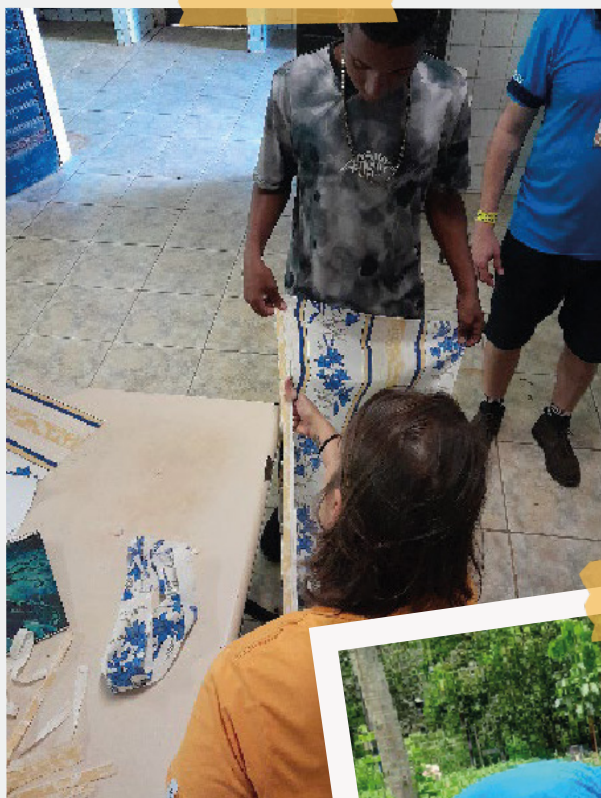
A mentoria se estrutura em duas ações:

1

Ateliê aberto como um espaço de continuidade, revisão e aprofundamento dos trabalhos iniciados durante a oficina.

2

Momento para esboçar a expografia e curadoria da mostra coletiva.



MOSTRA COLETIVA:

Culminância e trocas

As Mostras Trilhas de Memórias foram idealizadas como um momento de culminância de todo o percurso do 2º e 3º ciclos, com a exposição dos trabalhos visuais desenvolvidos nas oficinas artísticas realizadas em cada território.

A partir desta compreensão, a mostra tem por objetivo apresentar os resultados dos processos criativos, considerando tanto os materiais produzidos pelos grupos como as experiências vivenciadas pelos participantes e suas narrativas. Assim como proporcionar uma oportunidade de colaborar com o fortalecimento de vínculos entre os próprios integrantes da comunidade.

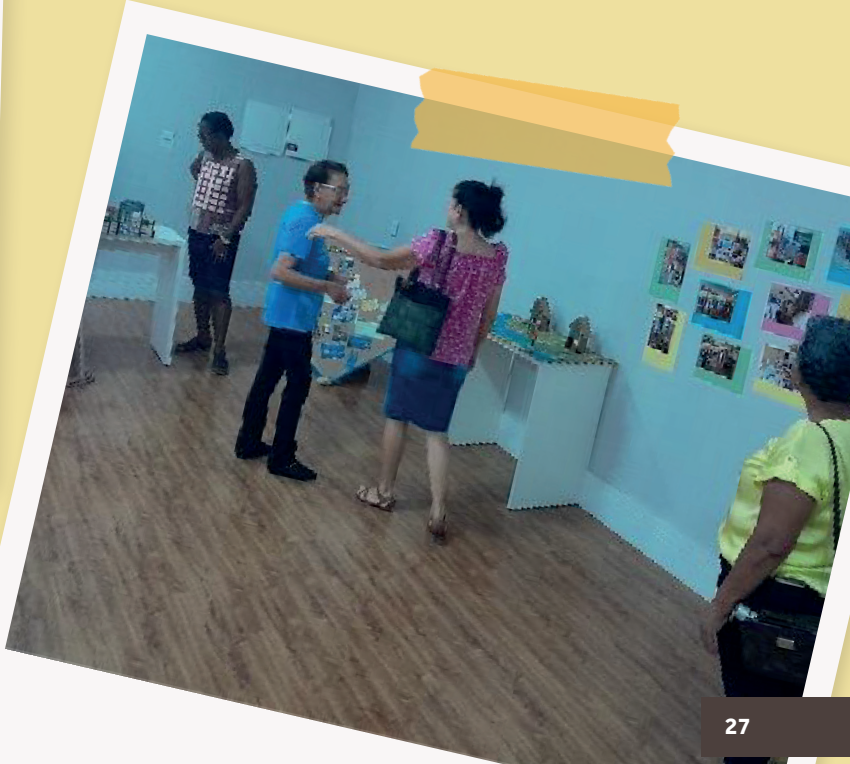
As mostras dialogadas aconteceram em espaços definidos com antecedência, em diálogo com lideranças das comunidades. A mediação entre o público convidado e os processos criativos foram conduzidos pelos próprios participantes das oficinas, que receberam qualificação prévia e apoio dos facilitadores para a condução dos diálogos que surgiram naturalmente com os visitantes.

O objetivo é possibilitar um momento de fruição que envolva participantes e comunidade (convidados e convidadas) por meio das trocas de experiências e identificação com as histórias contadas e estampadas nos trabalhos expostos. A previsão de duração do evento e permanência da exposição foi de aproximadamente 3 horas contínuas, ao longo de um dia previamente agendado e divulgado.

No caso de Regência, o público foi convidado para uma atividade interativa durante a mostra, dando continuidade à identificação das fotos disponibilizadas pela biblioteca comunitária, em um espaço preparado para receber crianças e adultos de todas as idades.

O resultado deste momento de integração e criação, o catálogo de imagens, elaborado de forma colaborativa entre moradores e visitantes, entrou para o acervo do Museu Histórico de Regência, tornando-se uma nova coleção de memórias e registros da participação coletiva. A produção digital encontra-se disponível no site do CIT.







COM A PALAVRA,
PARTICIPANTES
E VISITANTES!

CARLOS ROCHA

64 anos

Sou filho de pescador, sou natural de Aimorés e meu pai também. Então um filho de peixe, peixinho é. Hoje eu fiz uma rede aqui a mão, sem tabuleta, sem agulha, sem nada, só para dar demonstração aqui pro pessoal da arte. Eles gostaram e eu também gostei, tanto de fazer a rede e gostei da parceria deles aqui. E eu estou aí para fazer o melhor possível, para ajudar no que eu posso fazer. Bom, a rede que eu fiz aqui hoje é importante pra mim porque eu sempre vivi da pesca, eu sempre vivi do Rio Doce. Ajudei a criar meus irmãos tudo, trabalhando com meu pai no rio. Então eu aprendi a fazer rede, tarrafa, coador, enfim, barco. Eu fiz a demonstração pra eles aqui, sobre o que é a minha arte. Eles acharam importante e eu também.



LUCIA MARIA

54 anos

Tive uma grande oportunidade de participar do grupo Trilhas de Memórias que aconteceu aqui em Cachoeira Escura, Belo Oriente. O grupo teve uma interação muito grande, revelando as suas memórias desde a infância à fase adulta e aos momentos em que vivemos até hoje. Todos correlacionados, direta ou indiretamente, ao evento do dia 5 de novembro de 2015 que foi o rompimento da barragem de Fundão. As pessoas do grupo se juntaram em equipes e cada equipe formulou, criou algo que remetesse a memória, seja da infância, seja dos dias atuais. O grupo no qual eu tive o privilégio de estar presente, falou sobre o monjolo. Construímos na verdade, uma pequena maquete do monjolo mostrando claramente a importância desse instrumento pra nossa história, que marcou muito



PAULO HENRIQUE PEREIRA

Sem Peixe, MG

Hoje eu estou aqui para falar um pouco sobre o projeto Trilhas de Memórias. Bom, é um projeto muito interessante, você vai lembrando as suas memórias, vai compartilhando também com seus colegas, aprendendo sobre as memórias deles, não tem nada melhor do que você lembrar de um lugar que te faz muito bem. Eu achei muito interessante estar trabalhando isso com o Eduardo Martins e a Ana Terra, muito interessante mesmo.

E a minha lembrança é um lugar que me traz muita paz e um descanso, tanto fisicamente quanto mentalmente, é o meu campo, onde eu tenho a minha criação de animais, tenho uma criação de cavalos, acho muito interessante estar naquele lugar porque se, às vezes eu estou estressado ou estou meio cansado e preciso refrescar, aí eu vou para aquele lugar. Ali eu mexo com meus bichos e esfrio a cabeça, é um lugar que realmente faz muito bem para mim e o projeto Trilhas de Memórias me ajudou a enxergar isso melhor ainda, foi muito bacana. Eu retratei um pouco sobre isso para eles, pois percebi que realmente sem esse lugar eu não estaria bem e que com esse projeto, isso ficou muito melhor para eu compreender. (oficina e mostra)



GABRIELA NUNES DOS ANJOS

Sem Peixe, MG

Moro em um assentamento da reforma agrária, assentamento Denis Gonçalves. Eu estou participando da oficina Trilhas de Memórias, onde fiz um trabalho que expõe um pouco do meu posicionamento enquanto mulher, enquanto sem-terra, enquanto jovem, enquanto brasileira também. E quem quiser conferir mais detalhes do material é só entrar no site do CIT que lá tem as publicações do meu trabalho e do que o resto da turma também fez. (oficina e mostra)



RICHARD ALMEIDA

Sem Peixe, MG

Estudo na Escola Família Agrícola (EFA) de Camões. Gostaria de agradecer a Ana Terra e o Eduardo pelo projeto que foi realizado aqui com a gente, alunos da EFAC. O Trilhas de Memórias conseguiu fazer uma união entre os alunos da EFAC e os da Escola Estadual São Sebastião por um dia, algo que em nenhuma outra oficina conseguiu-se fazer. Eu agradeço como aluno da EFAC e por todos os outros estudantes. (oficina e mostra)

MATEUS DOS SANTOS RIBEIRO

Regência, Linhares (ES)

Achei a exposição muito bacana, importante tanto para mim, quanto para a comunidade, é um lugar em que foi exposto o nosso trabalho, que a gente fez na oficina, me senti muito feliz por ver meu trabalho exposto nessa iniciativa que eles tiveram. E a importância de ter isso na comunidade é sobre trazer essas memórias, essas lembranças, coisas que no dia a dia a gente não tem em mãos. Então, é um lugar onde a gente pode ir, pode encontrar tudo que a gente precisa para lembrar das coisas que a gente viveu no passado. A importância na minha opinião foi essa, de trazer essas memórias antigas até mesmo para quem não viveu, para conhecer um pouquinho melhor sobre o que já aconteceu, o que os nossos antepassados viveram. (oficina e mostra)



ENZO SANTOS

Regência, Linhares (ES)

A importância desse projeto aqui é que dá para relembrar as histórias de Regência e conhecer mais sobre nossa cultura local e tudo mais. Eu achei muito legal e importante ver o meu trabalho e dos colegas expostos aqui no Museu Histórico de Regência, porque os turistas também podem conhecer mais sobre a cultura local e até as pessoas que moram aqui, que talvez não conhecessem. Eu gostaria que tivesse mais projetos sobre a cultura local para conhecer ainda mais. Em algumas imagens eu vi que tinha uns peixes que eu nunca saberia que teria na Foz do Rio Doce, eu vi meus avôs, meus tios, vi até meus pais crianças brincando na beira do rio. Eu gostaria de participar de mais projetos como esse, que dá para aprender cada vez mais, conhecimento nunca é demais. (oficina e mostra)





MARCELO ROCHA

41 anos

Eu sou poeta do Instituto PSIA, de Governador Valadares, no Vale do Rio Doce. Tivemos hoje uma vivência muito interessante, onde tivemos a oportunidade de materializar em uma obra de arte as nossas memórias relacionadas à época do rompimento da barragem, em 2015. Ao buscarmos na nossa memória, encontramos como imagem mais forte as filas. Desde as filas de espera pela água mineral até as diversas filas aguardando e esperando as diversas ações de reparação. Mas também, ao buscarmos nessas memórias, encontramos e materializamos nessa obra de arte, a gente encontrou também esse encontro com o Rio Doce. Eu ousou dizer que devido ao rompimento da barragem a gente teve a oportunidade de encontrar esse sentimento de pertencimento com o Rio Doce. Até 2015 a gente tinha assim, como sempre teve, um rio em nossa terra. E a partir de 2015, passamos a ter o nosso rio em nossa terra. Então assim, essa vivência de hoje foi muito interessante para isso. A gente conseguiu materializar essas memórias dolorosas, sim, mas também materializar memórias prazerosas e que direcionam desde então, o nosso fazer artístico.

LEONARDO FERNANDES

42 Anos

Não sou natural de Pedra Corrida, mas eu já resido aqui com a minha família vai fazer vinte e cinco anos. Então, já deu pra amadurecer bem esse sentimento de pertencimento. Trazer para a oficina as nossas vivências e materializar isso em forma de arte, foi uma experiência sem igual. O resgate das memórias e o compartilhamento de experiências foi muito gratificante, ainda mais que o nosso grupo contou sobre o nosso amado Rio Doce. Somos uma comunidade ribeirinha, então já dá para imaginar a importância que o rio tem nas nossas vidas. São muitas experiências e lembranças na nossa memória e no nosso coração.



GILCIMÁRIA FELIX

38 anos

Sou mulher preta, militante, mãe, professora, educadora da educação do campo, sou filha de assentados da reforma agrária aqui do Assentamento 1º de Junho, em Tumiritinga, desde 1993. Então, a partir da experiência na oficina tivemos a oportunidade de imprimir nossa realidade organizativa, trazendo esse lugar da organicidade, onde produzimos os nossos sentidos organizativos e políticos, o nosso jeito de ser e de estar no município. Isso está de forma material, com simbologias e signos dos espaços onde atuamos. E de certa forma, esta maneira de nos organizar acaba de alguma forma incentivando os outros sujeitos do município, a se organizarem em prol das pautas que eles defendem. Toda essa relação é produto da nossa relação com esses sujeitos ao longo dos trinta anos do 1º de Junho.

